

O *surplus* da linguagem em Emmanuel Lévinas - I

Nilo Ribeiro Júnior*

Márcia Eliane Fernandes Tomé**

Resumo

Este artigo intenciona mostrar como Emmanuel Lévinas desenvolve sua reflexão acerca da linguagem nas perspectivas do face a face, da proximidade e do Dizer/Dito. Tentamos, primeiramente, evidenciar os pressupostos através dos quais Lévinas concebe a linguagem do face a face como relação irreduzível à totalidade ou ao amplexo do ser ou ontologia. Posteriormente, analisamos em que sentido a linguagem na proximidade de outrem se destaca do saber e o rosto se destaca do fenômeno, tornando a relação pela qual me aproximo do próximo, nem manifestação nem saber, mas o evento ético da comunicação.

Palavras-chave: linguagem; ética; face a face; proximidade; dizer/dito.

Language surplus according to Emmanuel Lévinas

Abstract

This Paper aims at demonstrating the way Emmanuel Lévinas develops his reflection regarding to the language in the “face to face”, proximity and the saying/said perspectives. We have tried, first of all, evidencing the presuppositions which Lévinas through conceives the “face to face” language as an irreducible relation to totality or to the being “amplexus” – i.e. embrace or ontology. Posteriorly, we have analyzed which sense – meaning – through language as someone else’s “alter” proximity distinguishes itself from knowing and visage stands out from phenomenon itself, converting the relation which through I get myself next through to my neighbor, neither manifestation nor knowledge, but communication ethical event.

Key word: language; ethics; face to face; proximity; saying/said.

1 Introdução

O tema que buscamos desenvolver nesta pesquisa, o *surplus* da linguagem em Emmanuel Lévinas, não se insere nos sistemas da filosofia da linguagem como tem sido desenvolvido na contemporaneidade.

Assim sendo, o objetivo desse artigo é mostrar como desenvolver a reflexão levinasiana acerca da linguagem na perspectiva das obras: *Totalidade Infinito*, *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger* e *Autrement qu'être*, sem contudo, deixar de recorrer a outras obras do autor e comentadores para enriquecer a investigação.

Em *Totalidade e Infinito*, ver-se-á em que sentido a irredutibilidade da linguagem do face a face é a situação última da relação ética. A linguagem do face a face é a linguagem por excelência, ela se produz como ensino. Não comunica um elo entre sujeito e objeto, diferencia da tematização e da adequação, porque consiste na impossibilidade do conceito se apoderar da Exterioridade. No pensamento levinasiano a linguagem preserva o interlocutor pela interpelação e pela invocação e, assim fazendo, impede a supressão do outro.

Na obra *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*, Lévinas irá abordar a questão da linguagem a partir de um enfoque fenomenológico, embora, como ele mesmo disse, ele sempre começa com Husserl ou em Husserl, mas o que ele diz já não está em Husserl. Assim, será mostrada a crítica de Lévinas à filosofia husserliana que estabelece a consciência intencional como poder de conferir um sentido ideal ao Ser. A intenção que pretende o idêntico é a pretensão que nomeia. O significado da linguagem é a proclamação *Kerygmática* que identifica isto enquanto aquilo. Para Lévinas, o discurso e sua obra lógica não se apoiariam no conhecimento do interlocutor, mas na sua proximidade. A proximidade é, por si mesma, significação.

2 A irredutibilidade da linguagem do face a face

Em toda a sua análise da linguagem, Lévinas insiste que, na tradição ocidental, a expressão linguística importa ao sentido enquanto sentido: não há sentido se não há linguagem. E um tal sentido enquanto sentido é manifestação de ser – mas manifestação de ser é um pleonasma grego¹. Nesse sentido, de acordo com nosso filósofo, as categorias gramaticais são geradas pelo pensamento grego como categorias do ser e como a sua própria inteligibilidade. Kant na crítica da Razão Pura, encontra nas modalidades do juízo enunciado a tábua das categorias². A lógica já é, de certo modo, ontologia; pelo menos é na

lógica que se encontram as formas fundamentais do ser³. Na observação de Lévinas, nessa perspectiva, falar é falar grego. O discurso é, pois, o lugar onde o sentido se comunica e se ilumina, entretanto, ele se propõe àquele que pensa.

Para Lévinas, a filosofia faz remontar toda a significação e toda a racionalidade à gesta de ser. Este reinado do ser coincide com a afirmação que soa na proposição em jeito de linguagem. Desse modo, o ser afirma-se, confirma-se, ao ponto de aparecer, de se fazer presença numa consciência. O fato de pensar, falar e afirmar é o fato de o próprio ser se afirmar⁴. Mas, para nosso filósofo, “a significação não pode ser inventariada na interioridade de um pensamento” (LÉVINAS, 1993, p. 29). O significado ultrapassa o dado, não por superar nosso modo de captá-lo, mas pelo fato de o significado ser de outra ordem que o dado. A significação vem de fora para além do ser, fazendo com que a interioridade do eu não seja a fonte última de sentido do humano. “A significação precede a minha iniciativa de *Sinngebung*” (LÉVINAS, 1980, p.273).

A inversão da compreensão da consciência da filosofia ocidental, pela ideia de uma subjetividade criatural, torna-a capaz de falar ou responder ao outro. Subjetividade aberta sobre os seres, em contato a uma singularidade que exclui a identificação no ideal, a tematização e a representação, como uma singularidade absoluta e, como tal, irrepresentável. Segundo Lévinas, aí reside a linguagem original, fundamento do outro. O marco preciso onde se processa a mutação do intencional em ético, onde a aproximação penetra a consciência – é pele e rosto humano; nessa relação, os termos não são unidos por uma síntese do entendimento nem pela relação sujeito a objeto. Entretanto, um pesa ou importa ou é significante para o outro, aqui são ligados por uma intriga que o saber não poderia vir a esgotar ou deslindar⁶. A subjetividade é capacitada pela palavra do outro a ser “outro de si”. A presença do outro, irreduzível à compreensão do mesmo – graças à especificidade da sua fala como mandamento – instaura a relação humana por excelência, a linguagem ética do face a face, como um *surplus* vivo⁷.

Na relação com o outro, a subjetividade encontra-se diante do absoluto de um interlocutor ou de um ser, e não mais diante de uma

verdade sobre os seres. Esse ab-soluto já não é afirmado como uma “verdade, mas crido” (LÉVINAS, 1963, p.290). A estrutura profética⁷ ou fiducial da linguagem faz com que o sujeito não seja mais o ponto de partida do conhecimento ou da declaração do sentido do outro.

A relação – linguagem ética – revela que é na relação do eu com aquele que é idêntico a si mesmo que o outro pode aparecer “na história ou fora do sistema. “Ele permanece transcendente na expressão” (LÉVINAS, 1993, p.45). A glória do noumenal do outro é que torna possível o face a face. A linguagem instaura uma relação irreduzível à relação sujeito-objeto: a revelação do outro. É nessa revelação que a linguagem como sistema de signos somente pode constituir-se. O outro interpelado não é um representado, não é um dado, por um lado já aberto à generalização. A linguagem, longe de supor universalidade e generalidade, torna-as possíveis.

Parece-nos que a universalidade presente no pensamento ético de Lévinas só é válida para mim; ela requer uma relação entre individualidade e universalidade, de tal modo que esta nunca aniquile a unicidade do sujeito. Por outro lado, a unicidade jamais encontra repouso em si mesma, ela desperta para o outro mediante um mandamento heterônomo. O sujeito levinasiano explode seu egoísmo através do Dizer e da responsabilidade.

Segundo o filósofo lituano, nessa relação, reconhecemos a linguagem que só se produz no face a face; e na linguagem reconhecemos o ensino.

O ensino é uma maneira para a verdade se produzir de forma que não seja obra minha, que eu não a possa manter a partir da minha interioridade. Ao afirmar uma tal produção da verdade, modifica-se o sentido do original da verdade e a estrutura noese-noema como sentido da intencionalidade. (LÉVINAS, 1980, p. 275)

A palavra como implicação do rosto, presença da exterioridade, constitui, desde já, ensino e orientação. A epifania do rosto é inteiramente palavra: questionamento e mandamento. Mas, se-

gundo Lévinas (1980), o pôr em questão as coisas num diálogo não é a modificação da sua percepção, mas coincide com a sua objetivação. Pois a objetividade que procura o conhecimento plenamente conhecimento, realiza-se para além da objetividade do objeto⁸. Aquele que se apresenta independentemente de todo o movimento subjetivo é o interlocutor; só ele é termo de uma experiência pura em que outrem entra na relação, permanecendo embora *kath' autó*; ele exprime sem que tenhamos de o desvelar a partir de um ponto de vista, ou de uma luz pedida de empréstimo.

Em conformidade com Lévinas, o interlocutor ressurgue por detrás de toda a negação da certeza. A descrição do face a face que aqui tentamos, diz-se ao outro, ao leitor que reaparece atrás do meu discurso e da minha sabedoria (LÉVINAS, 1980, p. 275). Precisamente por isso, o face a face do discurso não liga um sujeito a um objeto, difere da tematização, essencialmente adequada, porque nenhum conceito se apodera da exterioridade. “Uma tal exterioridade abre-se em outrem” (LÉVINAS, 1980, p. 276).

Contrariamente à manifestação plástica ou desvelamento, que manifesta alguma coisa enquanto alguma coisa e em que o desvelamento renuncia à sua originalidade na expressão, a manifestação e o manifestado coincidem, ele assiste à sua manifestação e, por conseguinte, permanece exterior a toda imagem que dele se reteria.

Na reflexão levinasiana, a expressão ou o rosto extravasa as imagens sempre imanentes ao meu pensamento como se elas viessem de mim. Esse transbordamento produz-se na medida – ou à desmedida – do Desejo e da bondade, como a dessimetria do eu e do outro. A significação da linguagem do face a face, irreduzível às instituições, mede-se pelo Desejo, pela moralidade e pela bondade – infinita exigência em relação a si, ou Desejo do outro ou relação com o infinito. Segundo Susin,

Lévinas usa normalmente as palavras “expressão” e “discurso” significando com isso uma linguagem eminentemente interpessoal, face-a-face, sem que as palavras se destaquem dos interlocutores, sem que a linguagem forme um sistema ou uma mística por si mesma. (1984, p. 272)

A palavra proferida face a face é o princípio – enquanto a face que me olha e me fala antes do princípio e envia o princípio, enquanto primeiro princípio é primeira significação e começo do ser, de tal forma que do discurso é que depende o pensamento, da significação produzida no discurso é que depende o sinal. Desse modo, é no discurso “metafórico” face a face que produz e acolhe significação acima do ser, o lugar em que eu posso receber a justiça que a história não pode realizar: a expressão sincera me liberta de contextos, de obras e de posses. Retornando à retidão face a face, a expressão é o *surplus* que pode julgar a história ao invés de ser-lhe um sintoma ou efeito ou astúcia⁹.

A obra da linguagem, para nosso filósofo, é uma ultrapassagem em direção ao outro. A manifestação do rosto ultrapassa a sua forma que, contudo, a manifesta. Ele possui um *surplus*, um excedente, isto é, uma significação própria. O rosto fala, essa fala é linguagem original, ele é o fato originário da racionalidade. Mas é também fundamento e guia ético, à medida que é discurso.

Na relação face a face, a razão adquire sua razão de ser a partir de fora pela via da linguagem. A linguagem não se põe a serviço da razão, mas é o princípio da razão, princípio que não equivale a fundamento ou *arquê*. A palavra que vem do outro é o primeiro princípio, é mandamento e princípio da razão. As consequências da palavra/mandamento fazem explodir a razão que se queria pensamento e ordem universal, doadora última do sentido. Segundo Lévinas (1980, p. 57), “há aí entre mim e o outro uma relação que está para além da retórica”.

Entretanto, a crítica que nosso filósofo faz à universalidade da razão não significa o desprezo da razão nem a queda no irracionalismo: o sentido e a sensatez de uma razão sensata não provém dela mesma, mas, antes, da significação que a palavra do outro porta. A metáfora da luz, sugerida por Lévinas, confere um novo lugar à razão: a luz¹⁰ que provém do outro rompendo o olho – mais no menos – excede a luz da minha razão, além de provocar a defecção da solidão da razão aprisionada na sua identidade sublimada em universal. Também investe a razão, porque doa luz à sua luz, despertando-a para a universalidade que se constitui na multiplicidade e na paz. Vi-

mos que, em Lévinas (1980, p. 96), a palavra/mandamento regula o pensamento e a razão.

Na filosofia levinasiana, as ideias não significam tanto pela sua genialidade, mas pela responsabilidade. Ele traduz em grego a fundação sináptica da razão e sua “missão” de sede da verdade, da tematização e da universalidade de modo moral. A verdade metafísica que se realiza eticamente e funda a razão, assim como entende Lévinas, não pode ser acusada de cair num “praxismo” ou ativismo, nem de hierarquizar prática e teoria: ambos estão do mesmo lado, como “recursos” à ética, que Lévinas define como relação ao outro e cumprimento da metafísica¹¹.

A consciência desperta como consciência moral e não como cognitiva. A partir da consciência moral, o outro se apresenta como absolutamente outrem, em que o movimento da tematização se inverte. Ao invés de determinar as regras das ações, o eu se submete a uma exigência que provém de uma dimensão de altura, como um desnivelamento da transcendência (LÉVINAS, 1980, p. 86).

Em Lévinas, a relação da linguagem supõe a transcendência, a separação radical, a estranheza dos interlocutores, a revelação do outro a mim. Nesse sentido, a linguagem fala onde falta a comunidade entre os termos da relação, coloca-se nessa transcendência. Ele observa que em Heidegger a coexistência é colocada como uma relação com outrem, irreduzível ao conhecimento objetivo, entretanto, assenta também na relação com o ser em geral na compreensão ontológica. (LÉVINAS, 1980, p. 55)

Segundo Fabri (1995, p. 98), Lévinas observa que, em Heidegger, a linguagem através do pensamento traz sempre de volta o Mesmo, melhor dizendo, pensar é trazer à linguagem, sempre e novamente, este advento do ser que permanece e, na sua permanência, espera pelo homem. O transcendente por excelência é o ser. Só ele ultrapassa a si mesmo. Para Heidegger, esta transcendência não busca um além se elevando até ao outro; mas reflui nela mesma e em sua própria verdade. Para Lévinas, na compreensão ontológica ou no reino do Ser não há transcendência.

Em *Totalidade e Infinito* (1980, p. 65), o autor mostra que a linguagem se constitui uma relação na qual o mesmo e o outro, ape-

sar de se relacionarem, permanecem separados. O outro é sempre transcendente em relação ao mesmo. A essa relação Lévinas chama também metafísica, a metafísica tem lugar nas relações éticas.

A metafísica caracteriza-se pelo discurso em que o Mesmo sai de si, em que a ipseidade abandona o seu recolhimento. Assim, a linguagem não traz em si a exigência de uma passagem do singular ao universal, como pensa Hegel. Em Hegel, a relação da consciência de si (para si da singularidade) se resolve no universal.

Em Lévinas, os interlocutores não se unem numa esfera comum. A linguagem só pode ser uma relação entre termos separados e irreduzíveis a um pensamento sinóptico, à condução dos termos ao universal. Uma relação, cujos termos não formam uma totalidade só pode, pois, produzir-se na economia geral do ser como indo de Mim para o Outro, como face a face, como desenhando uma distância em profundidade – a do discurso, da bondade, do Desejo – irreduzível à estabelecida pela atividade sintética do entendimento entre os termos diversos que se oferecem à sua operação sinóptica¹².

Para Etienne Ferón, a linguagem levinasiana é paradoxal. A linguagem em Lévinas isola a subjetividade no ponto absoluto e único do eu transcendental no instante em que almeja estabelecer uma relação concreta com os homens¹³. Para Ferón (1990, p.92), a relação do discurso termina por dissolver-se no solipsismo do Eu, cuja ipseidade se eleva à condição de sujeito transcendental, formalmente estruturado como o Outro-no-Mesmo, sem que o para-o-outro indique uma relação real.

Ora, sustentamos que, na revelação, linguagem do face a face, a subjetividade é assegurada na sua unicidade, porque eleita pelo outro para hospedar o outro que se revela. O discurso do “eu” se constitui, antes de tudo, como a apologia de alguém que não se compreende fora da responsabilidade. O “eu” é único. Ele é insubstituível na resposta pelo mandamento que vem do outro. A responsabilidade do único será, portanto, a condição mesma da ética¹⁴. Em *Totalidade e Infinito*, ele afirma:

Assim, o discurso não é uma patética confrontação de dois seres que se afastam das coisas e dos outros.

O discurso não é o amor. A transcendência de outrem, que é a sua eminência, a sua altura, o seu domínio senhorial [...]. É a relação do Mesmo com o Outro, é o meu acolhimento do outro que é o facto último. (LÉVINAS, 1980, p. 63)

Ora, para nosso filósofo, a estrutura formal – ter a ideia do infinito¹⁵ – estrutura última, equivale no concreto ao discurso que se precisa como relação ética. A ideia do infinito, o infinitamente mais contido no menos, produz-se concretamente sob a aparência de uma relação com o rosto. E só a ideia do infinito mantém a exterioridade do outro em relação ao mesmo, não obstante tal relação. A ideia do infinito é a própria transcendência, o transbordamento de uma ideia adequada; é entrar em relação com o inapreensível.

Assim, na relação ética – relação face a face – delinea-se a retidão de uma orientação ou o sentido. Conforme Chalier (1993, p.117), em Lévinas, o rosto

Ocupa, sobretudo, um lugar determinante na sua obra, porque ele pensa que “Deus vem à ideia” no frente-a-frente com o próximo. [...] ora, diz ele, esta humildade ou “esta condescendência de Deus” à proximidade dos homens “pertence à interpelação-do-eu pelo rosto”.

A proximidade de um ao outro, em Lévinas, desperta para o sentido da irredutibilidade da alteridade do outro.

3 A linguagem na proximidade de outrem

Viu-se que, em Totalidade e Infinito, à medida que a linguagem produz a transcendência, o ser é enunciado como exterioridade, como relação face a face com o outro, irredutível ao conceito. Segundo Féron, na obra *La réponse à l'autre et la question de l'un*,

a possibilidade de enunciar o ser como exterioridade e transcendência já implica que seja superada a apa-

rente antinomia entre o logos do ser e a palavra do homem. É precisamente como para além dessa ambigüidade que se abre o campo do discurso como temporalização, busca e questão. (1990, p. 73)

Em *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*, percebe-se uma nova orientação na escrita levinasiana, a linguagem ontológica presente em *Totalidade e Infinito* será suspensa em favor de um enfoque fenomenológico.

Foi a partir de uma descrição fenomenológica do saber e das suas condições *Kerygmáticas* que a nossa análise encontrou relações cuja trama nos leva a fazer uso de uma terminologia e de significações éticas. A proximidade para lá da intencionalidade é a relação com o próximo no sentido moral do termo. (LÉVINAS, 1967, p. 279)

Na obra citada acima, Lévinas, para tratar da questão da linguagem, irá criticar a idealidade e a significação que os signos linguísticos adquirem dentro da narrativa. Para ele, os signos que significam de acordo com seu lugar num sistema e por meio do seu afastamento relativamente a outros signos estão aptos a conferir uma identidade de significação à dispersão temporal dos acontecimentos e dos pensamentos, de os sincronizar na simultaneidade indefasável da fábula¹⁶. Os signos que constituem a unidade de um sistema são susceptíveis através dos processos mais diversos da fabulação, de identificar um tema. O ser se manifesta a partir de um tema. Parece que é daí que vem o poder, sempre renovado, do intelectualismo e a pretensão ao absoluto do discurso, capaz de abarcar tudo, de tematizar tudo. Nesse sentido, a instauração dos signos verbais é induzida por uma intencionalidade narradora e tematizante que desemboca nos seres¹⁹.

Assim, a linguagem também se interpreta como manifestação da verdade, como o lugar do ser se mostrar. Pois o logos enquanto discurso confunde-se inteiramente com o logos enquanto racionalidade. Nesse aspecto, a comunicação decorre apenas do logos que anima ou que induz o pensamento.

Para Lévinas, a intencionalidade narradora é, por conseguinte, verbal, linguística e essencial ao pensamento enquanto o pensamento é tematização e identificação. Ela não consiste em perceber um isto ou um aquilo, mas em entender, em pretender isto enquanto isto e aquilo, “entendendo” sem julgar previamente os conteúdos isto enquanto aquilo¹⁸. O entendimento disto enquanto aquilo não entende o objeto, mas o seu sentido. O ser não tem de preencher, nem de iludir o sentido. Mas é a partir do seu sentido que um ser se manifesta como ser.

A noção da intencionalidade da consciência em Husserl indica a presença imediata do mundo à consciência. Na observação de Lévinas, em Husserl, esse entender como... é a origem da consciência, enquanto consciência. A problemática do verdadeiro e do falso pressupõe esse entendimento do sentido, sem o qual não teria existido consciência de alguma coisa. Ele é *a priori*. O enunciado do sentido deve, em primeiro lugar, nomear os seres, proclamá-los enquanto isto ou aquilo. O apriorismo do *a priori* é um *Kerygma* que não é nem uma forma da imaginação, nem uma forma de percepção.

É através dele que o ideal ganha sentido. O ideal é como que instaurado pela virtude do verbo *Kerygmático*. Assim, a identidade do termo consiste na sua própria idealidade. Na análise de Lévinas, em Husserl, o aparecer do fenômeno não se separa do seu significar, o qual remete para a intenção proclamatória, *Kerygmática* do pensamento. Todo fenômeno é discurso ou fragmento de um discurso. É porque o dizer é predicação que o pensamento é juízo: não é pelo fato da linguagem se adaptar milagrosamente ao juízo que seria o pensamento original, mas porque o juízo desenvolve o sentido da linguagem. “A linguagem não tem significado pelo facto de derivar de um qualquer jogo de signos sem sentido; ela tem-no porque é a proclamação *Kerygmática* que identifica isto enquanto aquilo” (LÉVINAS, 1967, p. 270).

Em *Descobrir a existência com Husserl e Heidegger*, importa-nos sublinhar que da complexa interpretação de Lévinas, em Husserl, a linguagem é *Kerygmática*: anuncia em função da identificação. Assim, a identificação disto enquanto aquilo é a espontaneidade estruturada como enunciação, predicação, linguagem, pretendendo os

momentos ideais – assim precisamente comunicáveis ou universais – pensados por essa palavra que nomeia, nessa palavra pensante. As análises de Lévinas em *Totalidade e Infinito* (1980, p.184), já mostravam que as pesquisas modernas da filosofia da linguagem tornaram familiar a ideia de uma solidariedade profunda entre o pensamento e a palavra.

Segundo Lévinas, Merleau-Ponty, dentre outros, foi o que melhor mostrou que o pensamento desencarnado, que pensa a palavra antes de a proferir, o pensamento que constitui o mundo da palavra, associando-a ao mundo – operação transcendental – era um mito. O pensamento consiste já em entalhar no sistema de signos, na língua de um povo ou de uma civilização, para receber a significação dessa mesma operação. O pensamento opera, portanto, como que no “eu posso” do corpo. Apesar de reconhecer o mérito da reflexão de Merleau-Ponty, Lévinas observa que a significação recebida da linguagem encarnada nem por isso deixa de permanecer em toda esta concepção “objeto intencional”. A consciência constituinte recupera todos os seus direitos, após a mediação do corpo que fala ou escreve. Para nosso filósofo, o excedente – *surplus* - da significação sobre a representação não residirá numa nova forma em relação à intencionalidade constituinte¹⁹, maneira essa cujo segredo a análise da intencionalidade do corpo não esgota?

Retornando a *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*, o autor irá operar uma desconstrução da intencionalidade do idealismo husserliano, para delinear o modo de ser do sujeito. Tal modo de ser do sujeito e da consciência é pura sensibilidade e proximidade, sujeito obcecado por ser responsável pelo outro.

A consciência – atividade passiva – imersa na complexidade das relações, constitui-se em sensibilidade, separação, proximidade e obsessão. (LÉVINAS, 1967, p. 272). Desse modo, Lévinas é levado a descobrir o lugar que a linguagem ocupa no pensamento desde o primeiro gesto da identificação, desde a aura da idealidade que rodeia o pensamento como pensamento.

A consciência enquanto obra passiva do tempo, passividade mais passiva que toda a passividade simplesmente antitética da atividade, sem sujeito para assumir o ato criador, para entender, se assim

se pode dizer, o verbo criador, não pode descrever-se pelas categorias da consciência visando a um objeto²⁰. A consciência não é o ato de dar significado às coisas, mas o acolhimento do outro, é deixar-se afetar por outrem. Para Derrida (2004, p. 68),

Dito de outra maneira, não há intencionalidade antes de e sem este acolhimento do rosto que se chama hospitalidade. E não há acolhimento do rosto sem este discurso que é justiça, “retidão do acolhimento dado ao rosto”, o que estabelece esta frase das últimas páginas de *Totalidade e Infinito*: “a essência da linguagem é amizade e hospitalidade”.

Segundo esse autor, não se compreenderia nada da hospitalidade sem esclarecê-la por uma fenomenologia da intencionalidade, uma fenomenologia que renuncie todavia, lá onde é preciso, à tematização. Eis uma mutação, um salto, uma heterogeneidade radical, mas discreta e paradoxal, que a ética da hospitalidade introduz na fenomenologia. Lévinas a interpreta também como uma interrupção singular, uma suspensão ou uma *épokhé* da fenomenologia propriamente dita, mas ainda e antes, até que uma *épokhé* fenomenológica²¹. Sua fenomenologia descreve o modo pelo qual o sentido se liberta de toda tematização através de uma linguagem inspirada. Seja qual for a mensagem transmitida pelo discurso, o falar é contato.

Por conseguinte, far-se-á necessário admitir no discurso uma relação com uma singularidade colocada fora do tema do discurso e que não é tematizada, mas aproximada. O discurso e a sua obra lógica não se apoiariam no conhecimento do interlocutor, mas na sua proximidade. Ora, para Lévinas, o imediato do contato não é, com efeito, a contiguidade espacial, visível a um terceiro e que significa a “síntese do entendimento”. A proximidade²² é por si mesma significação. O sujeito entrou na abertura da intencionalidade e da visão. Desse modo, a orientação do sujeito sobre o objeto fez-se proximidade, o intencional fez-se ética. “O contato é ternura e responsabilidade” (LÉVINAS, 1967, p. 275).

Em Lévinas, a proximidade não unifica dois termos numa totalidade que os envolve. Na proximidade, o outro revela o excesso

que transborda para além de toda ressonância do verbo ser. O eu sai de si tornando-se vulnerável na medida em que se individualiza para além de satisfações e necessidades. Expulso para fora do ser, o eu arrancado de si, descobre-se numa distância intransponível. O eu desperta e se vê solicitado a responder, convocado a falar e mesmo para suportar. “Na proximidade, o eu é vulnerável e sensível” (FABRI, 1995 p.53-68). Conforme nosso filósofo, “na intuição sensível, a sensibilidade subordina já à descoberta do ser. Mas a sensibilidade não se esgota nessas funções de abertura” (LÉVINAS, 1967, p. 275).

Para Lévinas, o termo “abertura” pode designar também a intencionalidade da consciência – um êxtase no ser. Mas a abertura pode ter um outro sentido. Não é mais a essência do ser que se abre para se mostrar. A abertura em *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger* é pensada como desnudamento da pele exposta à ferida e à ofensa. A abertura é a vulnerabilidade de uma pele exposta, para além de tudo aquilo que, na essência do ser, pode expor-se à compreensão e à celebração. Na sensibilidade coloca-se a descoberto, expõe-se um nu mais nu que o da pele, nu de uma pele exposta ao contato²³, à carícia que sempre, e mesmo na voluptuosidade equivocadamente, é sofrimento pelo sofrimento do outro. Aberta à aproximação, a sensibilidade²⁴, aquém de toda vontade, de todo ato, de toda tomada de posição, é a própria vulnerabilidade.

Segundo Lévinas, o sensível só é superficial no seu papel de conhecimento. Para ele, o sensível é imediatez, contato e linguagem. A percepção é proximidade do ser de que a análise intencional não dá conta. Na relação ética com o real, isto é, na relação de proximidade que o sensível estabelece, cumpre-se o essencial.

Conforme explica nosso filósofo, é essa relação de proximidade, esse contato inconvertível em estrutura noético-noemática²⁵ e onde já se instala toda a transmissão de mensagens, é a linguagem original, linguagem sem palavras nem proposições, pura comunicação. A proximidade para lá da intencionalidade é a relação com o próximo no sentido moral do termo.

A linguagem como contato afeta o próximo na sua unidade não ideal. O próximo é aquilo que tem um sentido antes de lho conferirmos; “chamamos rosto à autossignificância por excelência”

(LÉVINAS, 1967, p. 280). Em *Totalidade e Infinito*, a noção de rosto já se apoiava na significância do singular que, lá por não se referir à universalidade, nem por isso exprimia uma qualquer essência irracional²⁶. Mas, dizer que na aproximação se tece uma intriga com um singular sem a mediação do ideal não é consagrar uma exceção, ao mesmo tempo que se continua a reservar para o conhecimento, o privilégio de reivindicar o espírito. É a partir da aproximação que a própria noção de rosto se impõe. No rosto, o conhecimento e a manifestação do ser ou a verdade envolvem-se numa relação ética. A consciência volta à obsessão²⁹ (LÉVINAS, 1967, p. 281).

Segundo Lévinas, obsedado pelo outro, responsável pelo outro e para o outro, o sujeito é despertado sob a intervenção do outro, como uma obediência, uma con-vocação, uma devoção e um servo. Nesse sentido, a paciência de ser para-o-outro é proximidade, obsessão pelo o outro. A obsessão, nesse sentido, é um movimento contrário à intencionalidade do sujeito, é impossibilidade de indiferença. “A obsessão não é uma modificação nem uma exasperação patológica da consciência, mas a própria proximidade dos seres” (LÉVINAS, 1967, p.280).

A proximidade não é simples coexistência e repouso, mas inquietude; não é um movimento intencional que tende ao preenchimento, mas, antes, uma fome gloriosa do seu desejo insaciável, um contato de amor e responsabilidade. Mas, não será isso presença do infinito? Para Lévinas, o infinito não pode concretizar-se num termo, pois contesta a sua própria presença. Ele nos escapa sempre, deixa um vazio, uma noite, um vestígio onde a sua invisibilidade é rosto do Próximo. Desse modo, o próximo não é fenômeno e sua presença não se resume em apresentação.

O vestígio indica que o rosto não reduz à presença imanente, antes revela o não lugar de onde ele procede. No vestígio se insinua algo que não se integra à realidade do eu pensante, não há aqui nenhuma conotação transcendental no sentido kantiano. O modo de significar do vestígio sem anular a transcendência, quer dizer, o ausente que significa no imanente.

Antes da constituição de qualquer sistema de signos, de qualquer plano comum que forma a cultura, o fato de um signo, exterior ao sistema de evidências, surgir na proximidade ao mesmo tempo que permanece transcendente é a própria essência da linguagem anterior à língua. A linguagem é a possibilidade de entrar em relação, independentemente de qualquer sistema de signos comum aos interlocutores.

A relação do Eu com o próximo não se fixa em nenhuma quididade, mas naquilo que tem um sentido sem recorrer à idealidade, no enigma do rosto onde a manifestação se faz proximidade e a quididade modalidade do ser. Em *Humanismo do outro homem*, Lévinas escreve:

O outro que se manifesta no rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abraze a janela onde sua figura no entanto já se desenhava. Sua manifestação é um excedente (*surplus*) sobre a paralisia inevitável da manifestação. (1993, p.51)

É precisamente isto que Lévinas descreve pela fórmula: o rosto fala. A coisa em si exprime-se²⁸. A expressão manifesta a presença do ser, mas não afastando simplesmente o véu do fenômeno. Ela é, de per si, presença de um rosto e, por conseguinte, apelo e ensinamento – relação ética.

A linguagem ética vem do próprio sentido da aproximação que se destaca do saber, do rosto que se destaca do fenômeno. A reflexão levinasiana acerca da linguagem em *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*, consistiu em pensar conjuntamente linguagem e relação, analisando a relação fora dos “indícios” que ele pode recolher na superfície dos seres e, analisando a linguagem independentemente da coerência e da verdade das informações transmitidas – apreendendo nela o evento da proximidade. Relação transcendente de mim com o próximo, não a sua tematização, mas libertação de signo anterior a qualquer proposição. A primeira palavra diz o próprio dizer, não designa seres, não fixa temas e não pretende identificar

nada. Sem ela, a comunicação e a proximidade voltariam à função lógica da linguagem e pressuporiam novamente a comunicação²⁹. Aqui o dizer e o dito não podem igualar-se.

A intenção de Lévinas é retornar do dito ontológico – exibição do ser – ao Dizer original que não se coloca em função do Dito, mas pode des-dizer o dito, por meio da primeira palavra e do seu enigma. Numa linguagem e numa apresentação do outro, onde a significação e significantes são capazes de significar antes do tema, antes da história, antes da obra e da instituição como um *surplus* vivo³⁰. Essa é a questão que pretendemos investigar no próximo artigo: “O Dizer como instância pré-original da linguagem”.

Notas

* Doutor em Teologia pela Universidade Jesuíta de Teologia e Filosofia. Doutorando em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa. Mestre em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Graduado em Filosofia e Teologia.

** Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006), pós-graduação em Filosofia da Modernidade pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2008) e mestrado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Atualmente é professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <fernandestome@ig.com.br>.

¹ Uma tal observação explica em parte a ligação de Lévinas à investigação de Michel Henry, em particular ao modo como ela se exprimiu em *L'essence de la manifestation* (PUF, Paris, 1963, 2 vols) que, do ser, tenta pensar a manifestação. Lévinas consagrou aliás um seminário a este livro, durante o ano universitário de 1976-1977.

² Cf. *Critique de la Raison Pure*. Trad. TREMESAYGUES, A. PACAUD, B. Paris: PUF, 1968. p. 86-99.

³ Sobre esse tema ler ser e sentido em *Deus, a morte e o tempo* de Emmanuel Lévinas, 2003, p.140.

⁴ Cf. LÉVINAS, E. *Deus, a morte e o tempo*. Coimbra: Almedina, 2003. p.143

⁵ Cf. TOMÉ, M.E.F. Linguagem ético-religiosa em Emmanuel Lévinas. **Revista Teocomunicação**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010, Vol. 40, nº 02, p. 147-172.

Cf. TOMÉ, M.E.F. Linguagem ético-religiosa em Emmanuel Lévinas. **Revista Teocomunicação**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010, Vol. 40, nº 03, p. 338-357.

⁶ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini**: Essoi sur l'extériorité. La Haye: Nijhoff, 1961, p.37.

⁷ Lévinas, na obra *Transcendência e Inteligibilidade*, explica que “Agora sobre a introdução de noções bíblicas na linguagem filosófica [...] não utili-

- za, claro está, unicamente as categorias clássicas de Aristóteles a Kant e a Hegel em Filosofia. [...] Muitas noções sugeridas pela Bíblia permitem extrair uma inteligibilidade mais forte do que aquela que as contradições da lógica formal delimitam” (1984, p.34).
- ⁸ Em *Totalidade e Infinito*, Lévinas observa que “assim contrariamente a todas as condições da visibilidade de objetos, o ser não se coloca à luz de um outro, mas apresenta-se ele próprio na manifestação que deve apenas anunciá-lo, está presente como quem dirige essa manifestação – presente antes da manifestação que somente o manifesta” (1980, p.53).
- ⁹ Na obra *Difficile liberte*, Lévinas escreve: “Parole [...] pous juger l’histoire, au lieu d’en restir le symptôme ou l’effet cu la ruse [...] parole qui tranche” (LÉVINAS *apud* SUSIN, 1984, p.273).
- ¹⁰ Em *Totalidade e Infinito*, Lévinas (1980, p.53) afirma: “Assim, contrariamente a todas as condições da visibilidade de objetos, o ser não se coloca à luz de um outro, mas apresenta-se ele próprio na manifestação que deve apenas anunciá-lo, está presente como quem dirige essa mesma manifestação – presente antes da manifestação que somente o manifesta”.
- ¹¹ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984. p.284-288.
- ¹² Cf. LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 27.
- ¹³ FÉRON *apud* FABRI, Marcelo. *Ética e dessacralização*. Campinas: UNICAMP, 1995. p.94.
- ¹⁴ Cf. RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2005. p.169.
- ¹⁵ Lévinas em *Totalidade e Infinito* escreve: “a noção cartesiana da ideia do Infinito designa uma relação com um ser que conserva a sua exterioridade total em relação àquele que o pensa” (1980, p.37).
- ¹⁶ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1967, p.265.
- ¹⁷ *Ibidem*, p.265-266.
- ¹⁸ *Ibidem*, p. 266.
- ¹⁹ S. Petrosino, na sua introdução à tradução italiana de *Totalité et Infini*, afirma: “contra uma concepção puramente teórica e abstrata da intencionalidade, Lévinas põe em relevo a ideia de uma intencionalidade encarnada; expressão de um sujeito situado, não somente num corpo, mas, sobretudo, num corpo que goza: enquanto sente prazer” (1971, p. XXXVI).
- ²⁰ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1967, p.272.
- ²¹ Cf. DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 68.
- ²² Lévinas (1993, p.15) explica: “não se trata na proximidade, de uma nova ‘experiência’, oposta à experiência da presença objetiva [...] ou de uma ‘expe-

- riência ética' a mais da percepção. Trata-se, antes, do questionamento da Experiência como fonte de sentido, do limite da apercepção transcendental, do fim da sincronia e dos seus termos reversíveis; trata-se da não prioridade do Mesmo e, [...] inversão da síntese em paciência, e do discurso em voz de 'sutil silêncio' a fazer sinal a Outrem - ao próximo, isto é, ao não englobável.”.
- ²³ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1967, p.277-278.
- ²⁴ Segundo Ferón (1992, p.130), a sensibilidade e a proximidade são noções que possuem sentido no interior da problemática da linguagem. Pensa-se que, apesar de colocar em relevo a relação da linguagem com o tempo e com a dimensão corpórea e sensível, ele acaba enfatizando o próprio ser da linguagem no discurso levinasiano.
- ²⁵ Lévinas (1980, p.274-275) afirma, em *Totalidade e Infinito*, “uma das teses principais defendidas nesta obra consiste em recusar à intencionalidade a estrutura noese-noema a título de estrutura primordial (o que não equivale a interpretar a intencionalidade como uma relação lógica ou como causalidade)”.
- ²⁶ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1967, p.280.
- ²⁷ Ibidem, p.280.
- ²⁸ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980. p.16.
- ²⁹ Ibidem, p.288.
- ³⁰ Cf. LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini**: Essoi sur l'extériorité. La Haye: Nijhoff, 1961, p.37.

Referências

CHALIER, Catherine. **Lévinas**: a utopia do humano. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FABRI, Marcelo. **Desencantando a ontologia**: subjetividade e sentido ético em Lévinas. Porto Alegre: EdIPUCRS, 1997.

FABRI, Marcelo. **Ética e dessacralização**: a questão da subjetividade em Emmanuel Lévinas. 1995. 217 f. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

FERON, Étienne. De l'idée de la transcendance à la question du langage. Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

FERON, Étienne. Ethique, langage et ontologie chez Emmanuel Kant. In: Revue de Métaphysique et de Morale. Vol. 82, n° 1, 1977.

FORTHOMME, Bernard. **Une Philosophie de la transcendance.** Paris: J. Vrin, 1979.

LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou Au-delà de l'essence.** Nijhoff: La Haye, 1974 [Paris, Le livre de poche, 1993].

LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente.** Campinas: Papirus, 1998.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger.** Lisboa: Instituto Piaget, 1967.

LÉVINAS, Emmanuel. **Deus, a Morte e o Tempo.** Coimbra: Almedina, 2003a.

LÉVINAS, Emmanuel. **Difficile liberté.** Paris: Albin Michel, 1963.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade.** Petrópolis: Vozes, 2004.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito.** Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem.** Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito.** Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini: essai sur l'extériorité.** Nijhoff: La Haye, 1974.

LÉVINAS, Emmanuel. **Transcendência e Inteligibilidade.** Lisboa: Edições 70, 1984.

PETROSINO, Silvando *et* ROLLAND, Jacques. **La vérité nomade**. Paris: La Decouverte, 1984.

POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas**: ensaio e entrevistas. São Paulo: Perspectivas, 2007.

RICOEUR, Paul. **Outramente**. Petrópolis: Vozes, 2008.

